

## O DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

### Arquivo: O Desenho e a Arquitetura

Organização Uiara Bartira

O que é um desenho?

*Paulo Herkenhoff*

1. É uma possibilidade de dizer não.  
Um desenho pode ser recusa e as múltiplas formas psicanalíticas do “não”: oclusão, renegação, recalque, denegação . O “não” instala a diferença. Momento de renegação: o “sim” e o “não” “estão juntos na ordem significativa. A experiência da descoberta da diferença sexual (guardar o sim e o não, o masculino e o feminino.)
2. É uma forma de se acercar do indizível.  
“Acerca daquilo de que não se pode falar, tem que se ficar em silêncio”.  
Se Klee diz que “A arte não reproduz o visível, mas torna visível ; a imagem visível aquilo que já não, ainda ou nunca se pode fazer.
3. É uma forma de lembrar.  
O desenho, depois de livre do indizível e de outras formas de produção de silêncio, agora tira do óbvio aquilo que estaria censurado pela moral. “Chegar a um acordo , salvar do olvido para livrar-se de pequenas memórias dolorosas”.
4. É (provisoriamente) culpa, ansiedade, medo, ira, não moral, prazer, tensão.  
Afirma Louise Bourgeois: “Estou mais interessada na forma e na qualidade abstrata do desenho do que no assunto. Não estamos falando do registro de eventos , do registro de emoções, do registro de motivos. Estamos falando do registro de linhas e formas e relações espaciais , sto é, todo. O assunto é apenas o assunto , todos os nossos assuntos são os mesmos : qualquer coisa que eu diga , se aplicaria a qualquer um de nós. Assim, não é um mistério . “ O mistério reside naquilo que você faz com ele.”
5. É uma capilaridade do desejo.  
É uma reconstituição da história do sujeito, como singularidade. Desenhos seriam lugares do corpo. Desenho é uma forma de relacionar dois corpos\_ o instrumento que desenha e o papel que recebe o desenho. Se qualquer parte do corpo pode ser erogeneizada, qualquer desenho seria então região que o desejo percorre e se instala. As linhas seria , pois vasos do tráfego do desenho / desejo. Já não sealaria de um desenho de gestualidade, mas de um desenho que admitisse ser movido a pulsões. Então. Encontramos desenhos das pulsões da vida, com seus aspectos de sedução e conquista. Mas também existem os desenhos que tocariam as pulsões de morte, com suas forças

destrutivas, como a ira e o ciúme. Afinal, o destino da pulsão é transformar-se em linguagem. O desenho, enquanto uma capilaridade o desejo, estaria em oposição às capilaridades do poder.

6. É uma secreção, como um fio da teia de aranha.  
O desenho é um traço, uma linha, um fio de costura ou de tapeçaria, uma cicatriz ou uma marca da idade no rosto. O desenho não é um signo que coincida com a gestualidade nervosa ou expressionista. É, antes, carnalmente, uma enervação do espaço, inteiramente transformado em possibilidade de articulação de sentido . O desenho é então como uma teia de aranha, espaço simultaneamente frágil e estruturado. É o espaço da espera, que se tenciona com a presença visitante. E, então, uma espera delicada, até que o olhar-presa da arte-toque a superfície, tencione seu espaço simbólico e ative o significado.
7. É uma operação matèrica.  
São formas de relação do instrumento sobre o plano-suporte: traço, lambida do pincel na superfície do papel, marca, abrasão, apagamento, perfuração (como dos olhos num desenho) , costura , apropriação de qualidades e estados do papel (folhas com pauta musical, envelopes vermelhos, etc.)
8. É uma operação com as leis da física no campo poético, parecendo-se com a suspensão da ideia de massa. À aparente “perda” de peso corresponderia um ganho de densidade, de significação. É um desenho aquilo que é capaz de alçar o méis denso sentimento e o fugidio relance de um momento ao plano da linguagem. O que um artista faz com um traço é aquilo que o olhar faz com o elegante esforço das asas de uma borboleta: a luta pela apreensão da trans ciência, seja ela tempo ou memória: “Às vezes, você pensa em algo que é tão lev , tão leve que você não tem tempo de fazer uma nota em seu diário. Tudo é fugidio; mas seu desenho servirá como uma recordação ;senão seria esquecido, isso às vezes se aplica aos medos.”
9. É uma ordem dos macios:  
Como os cabelos, como o casulo da seda, como os fios da teia de aranha, como os novelos de tricô, como uma pluma \_ é assim com os pelos do pincel desenhando sobre o papel. O pincel está em oposição ao buril, que marca a matriz gravada com cicatrizes enquanto história do corpo.  
É uma experiência dos sentidos. O olho não apenas escuta, como em Paul Claudel, mas também toca e sente a maciez das madeiras e o aconchego de um ninho ou de uma almofada.
10. É insônia.  
Portanto, desenho não é uma vigília nem sonho – estando pois, fora do campo da “ vigilância residual do eu”, perpetuamente presente no sonho e que é o guardião do sono ( Freud , segundo Lacan).

Um desenho não é escrita automática, nem outra qualquer operação do método de configuração da imagem surrealista. Em suma, não seria proveniente do subconsciente nem do inconsciente. É como se fosse dizer. “conto as horas “ durante a noite , eu conto as horas.

Não é mesmo assim que o ponteiro único e solitário do relógio – deserto no desenho insônia? Deambula solitário pelo disco das vinte e quatro horas, convertendo o circunlóquio silencioso num fluxo constitutivo de vivência. É assim a trama tricotada da malha do pesadelo de Hayter . O ponto e o movimento se repetem incessantemente, mas todo o esforço parece ser para provar o enredamento das noções existenciais de tempo e a singularidade do instante. O tempo perde qualquer caráter unidimensional. O ponteiro da insônia, em sua imprecisão do tempo, no entanto, afirma a irreversibilidade do momento.

11. É um rio.

Assim, o desenho não oporia nenhuma barreira à descarga de energia. Por oposição, o desenho teria aqui o sentido do “sim”. O desenho é o que flui em tinta , que é transposta , como uma carícia do pincel sobre o papel , que é diagrama de um toque erótico , que é pequena realização do desejo, que é a metáfora realizada no curso d'água , que é a energia hidráulica , que é trabalho de restauração dos tapetes lavados no rio , que é, energia dependida e reconvertida em geração , que é vida , que é movimento , que é continuidade , que é tempo. É então que o tempo recobra sua dimensão de espaço pertencente a uma ordem não apenas física: “uma experiência.” O desenho seria , assim , um canto existencial escrito sobre o matemático , o mensurável, o ordenado e o estrutural. O desenho é um rio sanguíneo, curso das emoções como paixão e prazer. Os desenhos de Klee ainda buscavam figurar os temas musicais da fuga, através dos planos decompostos, mas que são aprisionados porque se localizam no centro do plano/suporte. Já na obra de Mark Tobey, Arshile Gorky e Jackson Pollock , a linha era “ indefinidamente extensa.

12. É um percurso, mas precisamente é um caminho de percurso.

É malha. É uma espiral, como uma teia de aranha, que com a sua adesividade , capta significados . É um labirinto.

13. É presentificação.

14. A memória transforma a lembrança infantil em atualidade do trabalho de desenhar (por seu lado, o desenho). “A imagem contém a possibilidade da situação que representa . Por seu lado , o desenho não é o substituto visual da experiência.

*Louise Bourgeois – Desenhos – Centro Cultural Light – Rio de Janeiro.  
Textos do catálogo da artista – Paulo Herkenhoff*

**15. É uma imensidão**

O espírito vê e revê objetos. A alma encontra no objeto o ninho de uma imensidão – *Charles Baudelaire*.

Em Baudelaire a palavra **VASTO** é um verdadeiro argumento metafísico que une o vasto mundo e os vastos pensamentos.

A palavra vasto reúne os contrários. O homem é um ser vasto.

Na poética de Baudelaire, a palavra vasto evoca, calma, paz, serenidade.

A imensidão no deserto vivido repercute numa intensidade do ser **Íntimo**.

1. Mas, é **Frederico Zuccaro** quem vai estabelecer definitivamente essas relações ao desenvolver a noção da conexão entre a ideia e o Desenho Interno, ou desenho interior.

O mérito de Zuccaro é ter desvendado um ponto essencial da teoria da pintura, no caso, a função do desenho e o papel do pensamento da criação pictórica. Uma longa tradição estética [...] tende a identificar o ato de desenhar como pensamento em atividade, o gesto de produzir uma forma com o ato de conceber. A audácia de Zuccaro está em afirmar que o desenho é a própria ideia, que se produz no intelecto como signo divino. (*Lichtenstein, 2004 p.42-43*)

2. **Ernst Gombrich** sugere que a percepção é um produto do aprendizado tornado automático pelo hábito, e a visão um processo de julgamento ou juízo sobre as coisas vistas.
3. **A Fotografia** nos dá um novo meio de construir e fixar imagens a partir do séc XIX, mas os princípios básicos da câmera fotográfica, na verdade de sua antecessora, a câmera obscura, eram conhecidas desde a antiguidade. Porém, ao contrário do que se poderia imaginar, a câmera não foi construída ou pensada para ser um sucedâneo da visão “realista”. Ela foi desenvolvida para, diferentemente dos processos visuais orgânicos produzir imagens mais assemelhadas às pinturas e desenhos feitos pelos artistas, baseados nas regras da perspectiva.

*Geraldo Leão em Para viver no Séc XXI – p 133-134*

4. O verdadeiro sujeito de uma pintura ou de um desenho são os elementos plásticos que têm êxito em sua expressão; e todo um mundo que pode ser patético, da poesia, de sentimentos, não pode se transmitir se não se teve êxito na plástica ou pela sugestão das três dimensões do espaço; a sugestão de um peso que prende ou segura um movimento, ou a promessa de um movimento passado. Se o sujeito de um desenho pudesse ser dotado pelas palavras, não teriam sido necessário desenhá-lo

*Sickert – Discípulo de Whistler, Courbet e Corot.*

5. O desenho estabelece a ligação entre o mundo objetivo e a imaginação, entre a realidade e o sonho. Entre o universo individual e o universo social.  
*Geraldo Leão – Fotografia*

6. Em síntese: O desenho é a concretização de um pensamento. Pensamento ordenado = bom desenhista. O homem sensível tem a capacidade de

manifestar as suas emoções, que lhe são canalizadas através de recursos materiais: **a visão; o tato; a audição; o paladar; o olfato.**

7. O olho do artista plástico é uma câmara fotográfica com censura estética, que sabe descobrir o que é condizente com o seu dizer. Ele, o olho, vê apenas a **forma / cor/ volume**, mas a sensibilidade conduz além destes elementos, faz enxergar coisas escondidas nesta forma /cor/volume. Trabalhar com as linhas, massas, espaços, planos requer técnica e pensamentos ordenados. O desenho ativa a intelectualidade do homem. Para disfarçar a superfície plana do suporte criou-se a mancha, o claro-escuro, a perspectiva.

Nunca é demais repetir que o desenho é o início e esqueleto de outras artes.  
*Guido Viaro*

8. Modalidades de desenho.

**O croqui** = obra rápida

**O esquisso** = instantâneo / escritos

**O esboço** = delineamento inicial de uma obra

**O esboceto** = pequena obra / com indicações de massas e cores

**O estudo** = pode ser feito usando qualquer meio gráfico

**A marcação** = delimita espaços

**O apontamento ou a ponte** = registro, lembrança, projeto ; delimitam os objetos desenhados.

**Linhas** : Linha pura ; tom da linha : texturas

Tom puro: sfumato /chiaroscuro

Linha contínua; Linha interrompida / volume

Linha virtual

Hachura

9. A construção do espaço moderno é o da fragmentação: a presentificação das formas fragmentadas constituem a imagem moderna. Não a ilusão da visão e sim para como o cérebro registra a imagem no contemporâneo.

\_Essas maneiras de pensar os enunciados artísticos exigem outras maneiras de construir imagens e enunciados Rosalind Krauss , em caminhos da escultura moderna , afirma que a idéia de repetição.

( multiplicação da gravura)

\_Nas obras de Donald Judd e Frank Stella era segundo eles próprios, uma estratégia para escapar da composição relacional que eles identificavam com o pensamento artístico europeu. Donald Judd explicava que para ele os artistas europeus que encarnavam para os jovens americanos, as tradições a serem superadas por suas novas proposições estariam ligados a “uma filosofia racionalista “ em que “ toda esta arte é baseada em sistemas construídos anteriormente , sistemas a priori. ( Krauss, 1998 p.224 )

\_ Assim, segundo Rosalind Krauss, para ele e muitos artistas de sua geração , alinhar uma coisa depois da outra foi o modo de se negar a

estabelecer relações internas , seguindo uma orientação pré-determinada pela gramática da tradição ( Krauss p. 243-244)

\_ Richard Serra descreve estes fenômenos em um texto de 1987, observações sobre desenhos, em que declara ter percebido em suas viagens que os muralistas mexicanos, “ ao abordar o problema da estrutura e espaços arquitetônicos , estavam mais avançadas que os pintores norte-americanos seu contemporâneos .” Para ele, Serra, a questão era o contexto e não o chassi “ . Para o escultor e desenhista “ a única maneira de conter um peso dentro dos confins de um dado espaço é definir a forma do desenho em relação direta com o chão. A parede, o canto ou o teto do espaço. (Serra s/d).

*Para viver o séc XXI*

#### 10. **Conceitos atuais no desenho:**

Eixo / Movimento: densidade; volume; massa; espaço.

Jogo / liberdade / democracia / autonomia.

**Richard Serra** = Deslocamento

#### 11. **Robert Morris:** O tempo presente do espaço.

Algumas questões sobre imagens localizadas no espaço mental da memória; será que um amigo é lembrado com a sua boca aberta ou fechada, em movimento ou em descanso, de frente ou de perfil ? Será que o espaço em que uma pessoa vive no seu cotidiano é representado na mente como se fosse uma espécie de mudança de imagens

“fílmicas ”, assemelhando-se à experiência em tempo real de andar por esse espaço? Ou será que ele vem à mente em algumas sequências de visões características, mas estáticas?

Eu = Self consciente \_ Mim = Imagem reconstituída do Self.

A dimensão do tempo evita que o Eu e o Mim coincidam. O personagem.

12. No **Brasil**, artistas do desenho: Amilcar de Castro/Regina Silveira

13. No **Paraná:** 70 - Guinski ; Zimmermann

80 - Francisco Faria; Raul Cruz